

ECONOMIA

EXPORTAÇÕES GAÚCHAS

Soja e veículos puxam vendas no 1º semestre

SAMUEL MACIEL



Economista Tomás Torezani, da FEE

Soma nos primeiros 6 meses do ano chegou a US\$ 8,3 bilhões, mais US\$ 600 milhões ante igual período de 2016

No primeiro semestre de 2017, as exportações do Estado totalizaram 8,299 bilhões de dólares, uma alta de 599,5 milhões em relação ao mesmo período do ano anterior (alta de 7,8%). A soja e os veículos impulsionaram o crescimento das vendas ao exterior. Os dados foram apresentadas ontem pelo economista Tomás Torezani, da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Segundo Torezani, os embarques recorde dos dois produtos (soja e automóveis) contribuíram para o desempenho positivo no semestre, além da elevação das receitas das vendas de pro-

duto manufaturados. Em 2017, foram embarcadas 5,596 milhões de toneladas de grãos de soja, batendo o recorde histórico de 2016. “O recorde de embarques do grão vem sendo quebrado, sucessivamente, desde 2013.” O RS contribuiu com 12,5% das receitas da venda nacional de soja, atrás de Mato

Grosso e Paraná. O destino principal da soja gaúcha é a China: em 2017 foi registrado recorde de vendas ao país asiático (5,2 milhões de toneladas), representando 93% de toda a soja vendida até agora, proporção recorde para um primeiro semestre.

Apesar do resultado, o RS permaneceu no quinto lugar do ranking dos principais estados exportadores – 7,7% das vendas externas do país. Os principais produtos exportados pelo Estado no semestre foram: soja em grão (25,2%), carne de frango (6,5%), polímeros (6,3%), fumo em folhas (5,2%) e farelo de soja (4,4%). Do crescimento de 599,5 milhões de dólares das receitas, as vendas de manufaturados contribuíram com 593,6 milhões. O destaque foram: vendas de automóveis, com 162,5 milhões. Foram embarcados 38.463 veículos, recorde para o semestre. Em 2017, o RS respondeu por 9,6% das vendas nacionais de automóveis, atrás de SP, PR e RJ.

AMCHAM ARENA

Startups frente a frente com futuro

Gerar um movimento de construção de riqueza na economia do Rio Grande do Sul no atual período de transformações e desafios. Esse é a proposta do gerente regional da Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham Porto Alegre), Marcelo Rodrigues. O sucesso dessa meta, porém, exige solidez em quatro pilares de sustentação: inovação, tecnologia, educação e aproveitamento de talentos, observou. Para ele, não há outro caminho fora do empreendedo-

rismo para a produção de futuro e novos empregos. Para reforçar a importância da preparação do futuro, a Câmara em setembro realiza a primeira Amcham Arena do país, disse Rodrigues, em visita ao **Correio do Povo**. No Rio Grande do Sul, a Amcham reúne 600 empresas associadas, entre grande, médio e pequeno porte (Gerdau, Dell, Yara).

Startups serão, literalmente, colocadas frente a frente com grandes empresas. O objetivo, disse Rodrigues, é aproximar o

universo corporativo do “ecossistema de startups e conectar empresários, executivos, empreendedores e investidores”. Serão abertas amanhã as inscrições via site www.amcham.com.br. Podem participar startups com produtos já validados no mercado. O 1º lugar receberá R\$ 10 mil em patrocínio de eventos da Amcham; discurso de venda de 5 minutos no “CEO Fórum” agendado para outubro; consultoria em marketing digital, e assessoria jurídica para startups.

FMI

América Latina em ritmo lento

Washington – A atividade econômica na América Latina revela recuperação moderada, em ritmo lento, já que os períodos de recessão no Brasil e na Argentina parecem estar perto do fim, indicou ontem o Fundo Monetário Internacional (FMI). Apesar da projeção de crescimento para este ano ter sido revisada em baixa, de 1,1% a 1%, o FMI elevou em 0,2 ponto porcentual (de 2,2% a 2,4%) sua expectativa para a Argentina, como já havia elevado de 0,2% a 0,3% o avanço para o Brasil. “A atividade econômica da América Latina segue apontando para a recuperação gradual em 2017/2018”, diz o economista-chefe do FMI para a América Latina, Alejandro Werner.

Berna
RESTAURANTE

Agende seu almoço no Centro Histórico com classe e requinte.

Largo Visconde de Cairú, 17 - Centro Histórico
Porto Alegre - Reservas: 3286-7577

ELIO GASPARI

A febre de Henrique Meirelles

Não se diga que estão fritando Henrique Meirelles. Ele é um queridinho do mercado, entende-se bem com Michel Temer e vocaliza as ortodoxias de gênios que sabem como consertar o Brasil, mas não conseguem conviver bem com seu povo. Meirelles está sendo fervido.

A febre de um ministro difere da fritura porque enquanto a frigideira é desconfortável desde o primeiro momento, inicialmente o panelão oferece um calorzinho agradável. Depois é que são elas.

Desde o amanhecer do governo, Michel Temer flertava com a abertura de um balcão no Planalto. O ministro da Fazenda conseguiu contê-lo, até que surgiu o grampo de Joesley Batista. Para salvar seu mandato, o presidente abriu os cofres para os piores interesses predatórios instalados no Congresso. Não se deve esquecer que Meirelles foi levado para a Fazenda numa equipe em que estavam o senador Romero Jucá e o deputado Geddel Vieira Lima.

Temer deu a Meirelles quase toda a autonomia que ele pediu, mas o ministro não entregou os empregos e a perspectiva de crescimento que prometeu. Entrou no governo oferecendo um aumento de 1,6% para este ano e elevou o balão para 2%. Tudo fantasia, hoje o FMI espera 0,3%.

Na segunda-feira, ao ser indagado sobre a possibilidade de um novo aumento de impostos, ele informou: “Tudo é possível, se necessário”. Frase típica das serpentes encantadas pelos refletores. Não quer dizer absolutamente nada. Enuncia um dilema que exige a definição de “possível” e de “necessário”. Atravessar uma rua com o sinal fechado, por exemplo, pode parecer necessário, mas deixa de ser possível se o cidadão é atropelado. O Visconde de Barbacena achava que a derrama era necessária. Descobriu que não era possível.

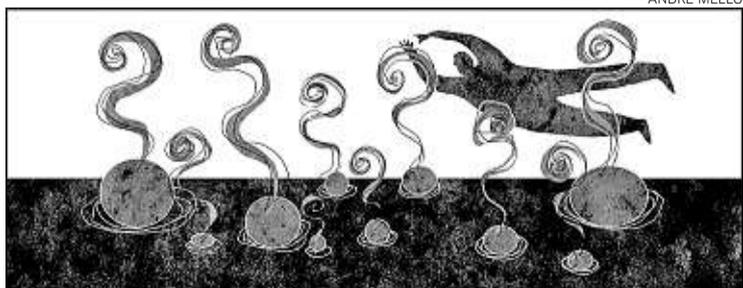
Todos os ministros da Fazenda desempenham o papel de animadores do auditório. Alguns fazem isso com elegância, como Pedro Malan, outros, de forma patética, como Guido Mantega. Meirelles distanciou-se de Malan e caminha para o modelo de Mantega, num governo onde estão Michel Temer e seu mundo de bichos fantásticos.

Em fevereiro, Meirelles anunciou pela primeira vez: “A mensagem importante é que essa recessão já terminou”. Atrás dele veio uma charanga comemorativa. No mundo real, seu teto de gastos estourou, a reforma da Previdência será diluída e benza-se aos céus se o piso dos 65 anos for preservado. No caso da reforma trabalhista fingiu-se que acabou o imposto sindical, ao mesmo tempo em que o governo negocia uma nova tanga. Antes, os trabalhadores formais pagavam um dia de trabalho a uma máquina infiltrada pela pelegagem de trabalhadores e patrões. Pelo que se negocia, algumas categorias serão mordidas em mais que um dia.

O remédio de Meirelles foi aumentar um imposto. Faça-se justiça ao doutor registrando que ele nunca se comprometeu a não aumentá-los. O seu problema é outro. Ele lida com essas taxações como se fossem uma arma para punir uma sociedade que é obrigada a pagar porque ele e seu presidente não fazem o serviço que prometem.

Um dia Meirelles deve dar uma olhada na galeria de doutores que o antecederam. Nos últimos 20 anos, foram 14. Pelo menos sete foram fritos. Antonio Palocci está na cadeia, uns três deveriam ter ido para o hospício. Inteiros, saíram só dois, Malan e Fernando Henrique Cardoso, mas todos foram homenageados pela mesma orquestra que hoje ensaboa Meirelles.

ANDRÉ MELLO



O ministro da Fazenda está sendo fervido por Temer, pelo Congresso e, sobretudo, pela própria parolagem.

Invista de forma inteligente e econômica

Créditos	1/2 parcela	Veículos	1/2 parcela
	200 meses		100 meses
600.000,00	1.845,00	285.530,47	1.656,08
550.000,00	1.695,25	72.817,00	422,23
500.000,00	1.537,50	55.320,00	320,86
400.000,00	1.230,00	33.450,00	194,01

Faça uma simulação:
hsconsorcios.com.br
0800 644 9007
Ouvidoria: 0800 648 1213

HS consórcios
Uma empresa do Grupo Herval